

A Visão de Drythelm entre história, teologia e hermenêutica

Mattia Cavagna
mattia.cavagna@uclouvain.be
Université Catholique de Louvain

Tiago Augusto Nápoli
tiago.napoli@usp.br
doutorando/ Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir algumas das questões centrais acerca do chamado nascimento do Purgatório, em contexto medieval. Com base em diferentes tradições bíblicas (e.g. Ecl 9.10; Mc 9.47) e apócrifas (e.g. o “Apocalipse de Paulo”) relativas às representações do porvir, procura-se demonstrar que a concepção de uma paragem cujas penas seriam temporárias e individuais é rastreável na chamada *Visão de Drythelm* (*Historia ecclesiastica gentis anglorum* V.12), de autoria de Beda (c. 673 – 735). Além disso, acompanha o estudo introdutório uma tradução inédita da fonte primária citada, a partir da edição de Colgrave e Mynors (1969).

Palavras-chave: Idade Média; Purgatório; Literatura latina; *Historia ecclesiastica*; Beda, o Venerável.

The Vision of Drythelm amid history, theology and hermeneutics

ABSTRACT: The present article aims to present and discuss some of the key ideas concerning the so-called birth of Purgatory in the Middle Ages. Based on two different traditions of representing the Other World – on the one hand, the biblical descriptions of Ecclesiastes 9.10 and Mark 9.47, for example; on the other, apocryphal accounts such as the *Apocalypse of Paul* –, we try to demonstrate that the conception of an otherworldly place of temporary and individual punishment can be traced to Bede’s *Vision of Drythelm* (*Historia ecclesiastica gentis anglorum* V.12). Furthermore, we provide a translation of the aforementioned text, based on the Latin edition by Colgrave & Mynors (1969).

Keywords: Middle Ages; Purgatory; Latin literature; *Historia ecclesiastica*; The Venerable Bede.

Introdução*

Há quarenta anos, em 1981, o historiador francês Jacques Le Goff publicava o seu *La Naissance du Purgatoire*, livro que se revelaria um verdadeiro paradoxo historiográfico¹. A tese que defende pode ser resumida em poucas linhas. Segundo o autor, a sociedade ocidental passa, no século XII, por uma transformação de sistemas binários – nobres e servos; clérigos e leigos – a um sistema ternário, que vê a emergência de uma espécie de “burguesia”². Em paralelo, o pensamento escatológico conheceria uma transformação similar: os teólogos *inventam* o Purgatório, que rompe com a dialética Inferno/Paraíso. O livro de Le Goff obteve um grande sucesso, não apenas sendo traduzido para muitas línguas, mas extrapolando o universo acadêmico. No entanto, inumeráveis foram os pesquisadores e especialistas que demonstraram a absoluta inconsistência da teoria³.

Historiador de vasta experiência, Le Goff conhecia e dominava uma ampla gama de fontes. Neste caso, porém, seu intuito de defender a todo custo uma tese evidentemente concebida *a priori*, o teria levado a leituras controversas de autores imprescindíveis ao tema⁴, minimizando, de forma flagrante, a importância e o significado de questões de primeiríssima ordem para o

* Gostaríamos de agradecer aos pareceristas anônimos por sua avaliação criteriosa do texto. Agradecemos também à editora-chefe, Carol Martins da Rocha (UFJF), incansável em seu zelo para com a *Revista Rónai* e seus colaboradores. Agradecemos ainda às colegas e amigas Profa. Talita Janine Juliani (Unifesp) e Aline Montesine Fávaro (USP) pela leitura cuidadosa e inúmeras sugestões ao trabalho apresentado. No mais, fazemos um agradecimento especial à Profa. Adriana Zierer (UEMA), que, a despeito de seus inúmeros afazeres, encontrou tempo não apenas para ler esta tradução, mas nos alertou acerca do artigo “O Purgatório no mundo de Beda”, de autoria do saudoso Prof. Ciro Flamarion Cardoso. Que os resultados deste trabalho estejam à altura de seu empenho em aperfeiçoá-lo.

¹ Le Goff (1981). A obra encontra-se traduzida em língua portuguesa pela Editorial Estampa.

² “Dans le haut Moyen Âge la pensée s’ordonnait volontiers autour de schémas binaires. Pour penser les puissances de l’Univers: Dieu et Satan [...]. Pour penser la société: les clercs et les laïcs, les puissants et les pauvres. Pour penser la vie morale et spirituelle: les vertus et les vices. [...] Le schéma ternaire sur le modèle duquel est né le Purgatoire ne connaît pas un moindre succès à partir de la seconde moitié du XII^e siècle et n’est pas moins lié aux structures en évolution de la société féodale. Il consiste à glisser une catégorie *intermédiaire* entre les deux catégories extrêmes. [...] La plus habituelle application du schéma est faite à la société féodale modifiée par la croissance urbaine: entre les grands [...] et les petits [...], une catégorie intermédiaire est née: le bourgeois – très divers au point que je préfère ne pas parler de bourgeoisie” (*ibid.*, p. 304-306). Cf., porém, Gourevitch (1982, p. 271; 1983, p. 15-16).

³ Para uma recensão parcial da crítica à obra, vide Beyer de Ryke (2003, p. 13-29) e, mais recentemente, Cavagna (2017, p. 275-306), bem como Moreira (2010).

⁴ O exemplo mais notório talvez seja aquele apontado por Edwards (1985, p. 639), quando comenta acerca do uso feito por Le Goff do “Enquirídio”, de Santo Agostinho: “In paragraph 110 of that work Augustine does not, as Le Goff states on many occasions, speak even implicitly of *four* categories souls but only of *three*: the *ualde boni*, the *ualde mali*, and the *non ualde mali* [...]. He nowhere speaks of a second group of imperfect Christian souls. Le Goff’s interpretation of this passage is all the harder to follow not only because of the invention of the non-Augustinian *non ualde boni* but also because of a lack of consistency in rendering Augustine’s own terminology”. As implicações de tal leitura são discutidas pelo próprio autor nas páginas subsequentes.

conhecimento do imaginário escatológico medieval.

A *Visão de Dryhthelm*⁵, cuja tradução apresentamos aqui pela primeira vez em português do Brasil, é possivelmente o texto mais significativo de todo o *corpus* acerca do tópico. Assim, tentaremos mostrar que a fonte em questão fornece uma série de indícios bastante claros de que o conceito do Purgatório teria existido muito antes do século XII, embora o termo *purgatorium* não fosse ainda atestado enquanto substantivo. No mais, trata-se de um texto que nos convida a rever com profundidade uma série de preconceitos vinculados à imagem da escatologia medieval.

1. A geografia do porvir: uma paisagem inacabada

Apenas no fim dos tempos, com o Juízo Universal, as almas dos mortos serão divididas e dispostas definitivamente em suas moradas eternas: o Inferno e o Paraíso. A morte corporal não daria em absoluto acesso à eternidade, porém, a um tempo intermediário, localizado entre o fim da vida terrena e o início da vida perene. Mas o que ocorreria de fato neste ínterim? À semelhança do aspecto temporal, haveria um espaço ou um estado também intermediário? Ou ainda várias localidades dessa natureza?

A resposta não é inequívoca, contudo, se inscreve em uma reflexão que remonta às origens do Cristianismo, estendendo-se até os dias atuais⁶. No medieval, as questões relativas ao estado das almas após a morte foram objeto de inúmeras teorias, por vezes contraditórias. Entre os dois polos do Universo – as profundezas infernais e o sumo Paraíso – situar-se-ia uma série de regiões de entremeio, cujo significado teológico servira a interpretações diversas.

As regiões desse “espaço incerto” remontam ao fato de que as fontes testamentárias são particularmente lacônicas sobre o porvir⁷. A propósito do Inferno, os livros da Bíblia contentam-se com alusões “ao fogo eterno” (Is 66.24; Mc 9.47), ao “fogo da Geena” (Mc 9.42-43), ao “choro e ranger de dentes” (Mt 13.50; 22.13; Lc 13.28).

Em outras palavras, não se encontrará no texto bíblico uma representação pormenorizada da topografia do Outro Mundo, tampouco as descrições da morte que alimentariam a imaginação dos homens ao longo dos séculos⁸. Sua fonte de inspiração deve ser buscada em outro *corpus*, isto é, nos

⁵ *i.e.* o nome comumente dado ao capítulo 12 do livro quinto da *Historia ecclesiastica gentis anglorum*, de Beda.

⁶ Cf. “Discurso do Papa Bento XVI aos membros da comissão teológica internacional reunidos em sessão plenária (01 de Dezembro de 2005)”; e “La speranza della salvezza per i bambini che muoiono senza battesimo”, preparado pela *Commissione Teologica Internazionale*. Ambos os documentos encontram-se disponíveis em: www.vatican.va.

⁷ Cf., entre outros, Ciccarese (1987, p. 18-19).

⁸ Neste sentido, destaca-se o estudo seminal de Ariès (1977). Para uma história das paragens

apocalipses apócrifos, livros que narram uma “revelação” (ἀποκάλυψις) e que permaneceram “ocultos” (ἀπόκρυφα), não sendo aceitos historicamente no cânone das Escrituras. São textos que gozaram de uma larga difusão e foram considerados, ao menos até a Contrarreforma, como complementares, ou melhor, suplementares aos livros bíblicos.

2. As duas histórias do Inferno

A tradição bíblica e a dos livros apócrifos oferecem duas concepções do Inferno profundamente distintas. A primeira afirma, de modo explícito, que as penas infernais são eternas, premissa confirmada pelos teólogos e Padres da Igreja, dentre eles Santo Agostinho (*Ciu.* XXI.22-27). Ademais, algumas passagens do Antigo e Novo Testamento permitiriam destacar características que lhe seriam próprias. De acordo com elas:

- O Inferno é o reino das trevas e do caos, da ausência de ordem e razão, ou melhor, de qualquer capacidade de discernimento (*e.g.* Ecl 9.10; Iob 10.21-22).
- Nele os réprobos são apartados para sempre da memória de Deus (Ps 6.6), fonte de misericórdia.
- As penas infernais são, como mencionado, eternas e inescapáveis (Is 66.24; Mc 9.47). Nenhuma trégua ou descanso lhes é prevista (Apc 14.11). Além disso, o fogo é praticamente seu único instrumento punitivo (Mt 25.41)⁹.

Se, por um lado, os livros bíblicos pouco dirão acerca do porvir, por outro, o imaginário das penas infernais se verá bastante ampliado na tradição apócrifa. Essa nos oferece um verdadeiro desenvolvimento – paralelo e multifacetado – dos locais ultramundanos. O mais importante desses escritos – para a tradição ocidental –, é, sem dúvida, o *Apocalipse de Paulo*, redigido originalmente no século III e traduzido inúmeras vezes para o latim e diversas línguas românicas¹⁰.

paradisíacas e infernais, *vide* Delumeau (1992; 1995) e Bernstein (1993). Para um panorama das representações do Paraíso Terrestre na cartografia medieval, *vide* o fascinante trabalho de Scafi (2006), retomado de forma resumida em Scafi (2013).

⁹ É de se notar que Tomás de Aquino, ao descrever as penas do Inferno, as separará em dois tipos: a primeira, de ordem “privativa”, isto é, a *poena damni*, referente à perda definitiva da esperança de união com o Criador; a segunda, de caráter “sensorial”, a saber, a *poena sensus*, ligada aos diferentes tormentos “físicos” infligidos contra os pecadores. *Cf. S. Th.* II.1 Q.87, A.4; III Q.52, A.2.

¹⁰ Para uma listagem das principais edições e manuscritos do texto, *vide* Silverstein (1935, p. 219-

Tal texto apresenta, em sua versão longa, um inferno bipartido. Sua primeira parte mostra-se multiforme, compreendendo uma longa série de locais punitivos: uma “paragem de gelo e neve” (*locum glacie et niue*) (XXXIX.12-13), um “rio de fogo” (*flumen igneum*) (XXXII.15 *et al.*), um “fosso de pez e enxofre” (*foueam picis et sulfuris*) (XXXIX.3) etc¹¹. Os pecadores estão ali divididos em grupos de acordo com seus crimes, e a intensidade de seu sofrimento é proporcional à gravidade de sua culpa. A segunda região do Inferno, destinada às faltas graves propriamente, encontra-se, por sua vez, apartada das demais paragens e consiste em um “poço vedado com sete selos” (*puteum signatum septem signaculis*) (XLI.2-3).

Não há dúvida de que os dois segmentos desta representação infernal têm funções diversas. Enquanto o poço reflete as características do inferno bíblico – a eternidade, a irrevocabilidade das penas, as trevas e o esquecimento –,¹² os outros locais de punição acabariam por não dispor de tais atributos. Cada pecador, neste caso, sujeita-se a um tratamento individual¹³ e, graças à intercessão de São Paulo, beneficia-se de um descanso provisório¹⁴. Dito de outro modo, apenas os pecadores confiados ao poço devem ser considerados irremissíveis. Os demais não perderam a esperança da salvação e se acham sob o influxo de Deus, ou melhor, diante de Sua memória e misericórdia. O texto não afirma que seu tormento será eterno. Pelo contrário, seu repouso dominical nada mais seria do que uma antecipação do término dos tormentos de que padecem.

Em consequência, ainda que o termo *purgatorium* se configure enquanto substantivo apenas séculos depois, a ideia de um lugar cujas penas seriam, a um só tempo, temporárias e individuais – além de concebidas sob a supervisão divina – existiria de modo incipiente desde os primórdios do Cristianismo¹⁵.

Ora, trata-se de um equívoco estabelecer uma hierarquia, ou ainda, uma nítida separação entre as duas concepções do inferno: canônica e apócrifa. É

222) e Silverstein e Hilhorst (1997, p. 23-39). Para sua tradição latina, assim como francesa especificamente, cf. Cavagna (2011).

¹¹ Todos os excertos latinos da *Visio Pauli* provêm de P (Paris, *Bibliothèque Nationale*, Nouv. acq. lat. 1631), conforme a edição de Silverstein e Hilhorst (1997).

¹² “Todo aquele que for lançado no poço do abismo e ali for confinado será esquecido para sempre aos olhos do Pai, do Filho, do Espírito Santo e dos Santos Anjos” (*Si quis missus fuerit in hunc puteum abyssi et signatum fuerit super eum, numquam comemoracio eius fit in conspectu patris et filii et spiritu sancti et sanctorum angelorum, Vis. Pauli XLI.15-19*). Todas as traduções são nossas, senão quando indicado.

¹³ É o que se indica, por exemplo, na seguinte passagem acerca da punição de um bispo no porvir: “agora sua retribuição se dá segundo sua iniquidade e obras” (*nunc autem retributum est ei secundum iniquitatem et operam suam, XXXV.36-37*).

¹⁴ *i.e.* aos domingos, como explicitado pelo relato: “Recebestes, porém, uma grande graça – o refrigério no Dia do Senhor –, por obra de Paulo, o mais amado de Deus, que desceu sobre vós” (*Anc autem magnam percepistis gratiam, nocte et die dominice refrigerium propter Paulum, dilectissimum dei, qui descendit ad uos, XLIV.29-32*).

¹⁵ Cf. Cavagna (2017, p. 276-291), Ciccarese (1982-1983) e Trumbower (2001, p. 76-90).

imprescindível sublinhar que nossa concepção, com frequência rígida e exclusivista do cânone bíblico, afigura-se por vezes uma consequência do Concílio de Trento (1545 – 1563). Até aquele momento, o cânone mostrava-se dinâmico e passível de debates, seja com os escritos apócrifos – entre eles, de certas “visões tidas pelas almas” (*uisiones animarum*) – seja com a tradição de glosas e comentários.

3. A *Visão de Drythelm*: dimensão teológica

Autor da *Visão de Drythelm*, Beda (c. 673 – 735)¹⁶ é decerto uma das figuras de maior prestígio na historiografia e teologia medievais¹⁷. Sua obra mais célebre, a *Historia ecclesiastica gentis anglorum* tem como um de seus escopos retrazar a história da Grã-Bretanha, sob o prisma do plano divino¹⁸. No entanto, por que se conta acerca de uma experiência visionária numa obra historiográfica?

As respostas são múltiplas. Dentre elas, podemos destacar que os relatos sobre o porvir passaram a gozar de um estatuto particular com os *Diálogos*, de Gregório Magno (c. 540 – 604). Considerados fidedignos pelo papa, escreve o mesmo acerca de sua importância:

Qua de re collegitur quia ipsa quoque inferni supplicia cum demonstrantur, aliis hoc ad adiutorium, aliis uero ad testimonium fiat, ut isti uideant mala quae caueant, illi uero eo amplius puniantur, quo inferni supplicia nec uisa et cognita uitare uoluerunt. (Dial. IV.37.14).

Assim, conclui-se que, quando os suplícios do Inferno são revelados, o mesmo ocorre tanto para o auxílio de uns quanto como prova [contra outros]. Deste modo, os primeiros podem observar os pecados de que devem se precaver, e estes últimos são punidos com maior severidade, pois não quiseram evitar os suplícios que haviam não apenas visto, mas experimentado.¹⁹

¹⁶ Sc. o monge nortúmbrio que se revelaria uma das principais fontes acerca da cristianização da Inglaterra anglo-saxônica. Além de sua produção historiográfica, a vasta obra de que é autor abrange áreas diversas, a saber, exegética (*Expositio Apocalypseos*), hagiográfica (*Vita Sancti Cuthberti*), gramatical (*De orthographia*) etc. Para um panorama acerca de sua época e importância, vide Blair (2001).

¹⁷ Recordemos, por exemplo, que muitos dos comentários bíblicos pertencentes a ele seriam incorporados no cânone da *Glossa Ordinaria*.

¹⁸ Nas palavras de Thacker (2010, p. 172): “Unlike Eusebius [sc. Eusébio de Cesareia], Bede was concerned not with the universal Church but with a particular section of it. His territory was Britain, rather than the Roman empire, and within that territory he focused upon a single people: he sought to chart how the English became part of the universal Church and to establish their particular role in the economy of salvation”.

¹⁹ Ou ainda, um pouco antes: “Assim como esses [sc. os visionários listados pelo autor] puderam

No caso propriamente da *Visão de Drythelm*, essa nos apresenta um sistema escatológico com quatro divisões. À semelhança do *Apocalipse de Paulo*, os locais das penas acham-se claramente definidos. No primeiro deles (*Hist.* V.12.4-5), observamos um vale, onde os pecadores são atormentados em alternância no calor e frio extremos. No segundo (V.12.7-10), deparamo-nos com um poço que lança globos de fogo, em que os danados são reduzidos a cinzas. Na terceira etapa da viagem (V.12.11-12), já em meio aos bem-aventurados, temos um jardim esplendoroso, circundado por um muro sem portas ou janelas. Na última paragem (V.12.13), uma luz intensa entremeada de cantos suavíssimos e um aroma agradável surge ao viajante. No entanto, esse local não é acessível a Drythelm, que se vê conduzido pelo caminho de volta.

É apenas neste momento que o guia lhe explica o significado teológico de cada uma das regiões visitadas (V.12.14). O vale e o jardim, diz ele, são locais temporários de punição e bem-aventurança. Os tormentos suportados pelos pecadores possuem uma função purgatória, e todos os que se acham no vale serão recebidos no Paraíso Celeste, no Dia do Juízo. Por outro lado, os bem-aventurados que habitam o Paraíso Terrestre serão reunidos com seu Criador, no fim dos tempos. Em suma, ambos os grupos serão salvos.

Esta organização escatológica em quatro partes é, em grande medida, observável ao menos até o fim do século XV²⁰. A *Divina Comédia*, como se sabe, constitui uma exceção importante, posto que considera o Purgatório como uma paragem distinta, haja vista um Inferno eterno e perfeitamente estruturado. Na realidade, fora da Itália, o Purgatório continuará sendo considerado uma das quatro regiões infernais (cf. CAVAGNA, 2012).²¹

conhecer o futuro por meio de revelações, às vezes as almas que se encontram às portas da morte podem experimentar os mistérios celestes não em sonho, mas acordadas” (*Sicut itaque hii reuelationibus potuerunt uentura cognoscere, ita nonnunquam egressurae animae possunt etiam mysteria caelestia non per somnium, sed uigilando praelibare, Dial.* IV.27.9).

²⁰ Cf. Alb.-Mag. *De Res.* III. Q.6. Art.1. Ainda sobre a imagem quadripartida do inferno, vide Cavagna (2017, p. 299) e Forbes (2010, p. 667-668; 674).

²¹ Lemos no célebre discípulo de Alberto Magno: “À segunda questão, deve-se dizer que o Inferno está dividido em quatro partes. Um é o inferno dos danados, onde existem trevas no que concerne à ausência da visão divina e da graça. Ali há também a pena sensorial. Esse inferno é a *paragem dos danados*. Sobre ele, há um outro inferno, onde existem trevas devido à ausência da visão divina e da graça. No entanto, não há ali a pena sensorial. Esse inferno chama-se *Limbo das crianças*. Sobre ele, há um outro, onde existem trevas no que concerne à ausência da visão divina, mas não à ausência da graça. Ali há também a pena sensorial. Esse inferno chama-se *Purgatório*. Acima dele, há um outro, onde existem trevas no que concerne à ausência da visão divina, mas não à ausência da graça. Ali não há a pena sensorial. Esse é o *Inferno dos santos patriarcas*” (*Ad secundam quaestionem dicendum quod quadruplex est infernus./ Unus est infernus damnatorum, in quo sunt tenebrae et quantum ad carentiam diuinae uisionis, et quantum ad carentiam gratiae, et est ibi poena sensibilis; et hic infernus est locus damnatorum./ Alius est infernus supra istum, in quo sunt tenebrae et propter carentiam diuinae uisionis et propter carentiam gratiae, sed non est ibi poena sensibilis; et dicitur limbus puerorum./ Alius supra hunc est, in quo est tenebra quantum ad carentiam diuinae uisionis, sed non quantum ad carentiam gratiae, sed est ibi poena sensus; et dicitur purgatorium./*

4. A *Visão de Drythelm*: dimensão hermenêutica

Embora o valor da *Visão de Drythelm* seja sobretudo de ordem documental, é preciso valorizar sua importância hermenêutica. Seu conteúdo teológico, ou melhor, a descrição articulada e plástica do funcionamento do porvir revela-se ali, aos poucos, em um clímax narrativo e heurístico.

No início do relato, o protagonista permanece anônimo, sendo descrito apenas como um *pater familias* da região da Nortúmbria, indivíduo devoto conforme os preceitos cristãos. Dito isso, o que parece um mero detalhe narrativo tem, em verdade, um escopo preciso que atua como meio de reconhecimento do público. Em outras palavras, ao caracterizar seu protagonista dessa maneira, o autor produz um efeito mimético de identificação entre personagem e leitor. Além disso, a escolha de um visionário laico é coerente com a ideia de uma “democratização” da experiência ultramundana, assim como concebida por Gregório Magno²².

Após ser afligido por uma doença súbita – outro *tópos* da literatura em questão –, Drythelm recobra os sentidos e distribui seus bens. O visionário ingressa então no monastério de Melrose, recontando finalmente sua experiência pelo além. Diz ele que, seguindo seu guia a nordeste, chegara ao vale onde os pecadores são punidos ora no fogo ora no gelo. O texto especifica que esta alternância é incessante. Afirma, ademais, que não há ali “descanso” (*requies*) tampouco qualquer “momento de repouso” (*quietis intercapedine*). Esse espetáculo de dor desperta então uma reminiscência, e Drythelm começa a conjecturar se aquele não seria o Inferno que conhecia: “(...) comecei a pensar se acaso não seria este o Inferno de cujos intoleráveis tormentos ouvira frequentemente falar” ([...] *cogitare coepi quod hic fortasse esset infernus, de cuius tormentis intolerabilibus narrare saepius audiui*; Bed. Hist. V.12.5).

Novamente, a identificação entre Drythelm e o público é quase completa. A descrição do vale bipartido provoca de maneira decisiva um reconhecimento. Tal qual o visionário, o público-leitor acredita achar-se diante

Alius magis supra est, in quo est tenebra quantum ad carentiam diuinae uisionis, sed non quantum ad carentiam gratiae, neque est ibi poena sensibilis; et hic est infernus sanctorum patrum, MOOS, 1933, p. 670-671; grifos nossos).

²² “Tout d’abord, cet ouvrage [i.e. os ‘Diálogos’] marque une sorte de ‘démocratisation’ de l’expérience visionnaire. Si les apocalypses apocryphes étaient attribuées à des personnages bibliques, et notamment à des prophètes ou à des saints apôtres, les protagonistes des témoignages visionnaires recueillis par le pape sont des gens communs, souvent des laïcs ou des personnages illettrés. [...] Deuxièmement, l’œuvre de Grégoire le Grand constitue une sorte de légitimation institutionnelle du genre visionnaire, dans la mesure où c’est le pape lui-même qui, au début du recueil, affirme explicitement la valeur des témoignages visionnaires en invitant les fidèles à leur prêter la plus grande confiance” (CAVAGNA, 2017, p. 122). Note-se, todavia, que a suposta “democratização” do além gregoriano não implica em absoluto que a obra se dirija a um público amplo. Sobre este último aspecto, *vide* os comentários de Vogüé (1978, p. 39-40) e Petersen (1984, p. 21-22).

de uma representação do Inferno. O texto faz uma alusão explícita à tradição oral acerca das paragens infernais, ou melhor, a seus intoleráveis horrores. Ora, a sequência *narrare saepius audiui* remonta indubitavelmente à prédica. O guia – capaz de ler os pensamentos de Drythelm – opõe-se à conclusão apressada do viajante. A resposta daquele provoca, por conseguinte, um efeito insólito, uma verdadeira surpresa ou *coup de théâtre*: “Não acredite nisso. Este não é o Inferno que você imagina” (“*non hoc*”, *inquiens*, “*suspiceris; non enim hic infernus est ille quem putas*”; *ibid.*²³). A identificação do Inferno – partilhada por Drythelm e pelo leitor – vê-se negada, malograda.

A viagem, porém, retoma seu curso, e eis que o *verdadeiro* Inferno materializa-se, embora seus tormentos revelem-se de maneira indireta. A vista de Drythelm não adentra as profundezas do poço que lá se encontra. O relato dá destaque aos outros sentidos do viajante, sobretudo, ao olfato e à audição. É por meio deles – indiretamente, devemos enfatizar – que o horror infernal pode ser evocado. Os gritos dos danados misturam-se aos dos demônios em um clamor horrendo e indistinto. Em seguida, o guia desaparece, e um grupo de demônios circunda Drythelm, ameaçando levá-lo ao fogo eterno. No entanto, trata-se de um episódio breve, e o guia ressurge de posse da luz divina, banindo, por fim, as criaturas.

A cena como um todo – e a ausência do guia enquanto seu ápice – pode, a nosso ver, ser interpretada de duas maneiras. Do ponto de vista narrativo, ela permite intensificar a dimensão dramática da viagem. Do ponto de vista hermenêutico, enfatiza-se o caráter ininteligível do Inferno, cujos perigos acham-se sempre próximos, literalmente, aqui, a um passo dos homens.

A sequência acerca dos dois paraísos não é menos simétrica. Diante do espetáculo de bem-aventurança, o pensamento de Drythelm desenvolve-se de maneira quase idêntica à anterior. Ao vislumbrar o Outro Mundo, o viajante questiona-se: “(...) comecei a pensar se acaso não seria este o Reino dos Céus de que ouvira falar com frequência na prédica” ([...] *cogitare coepi quod hoc fortasse esse regnum caelorum, de quo praedicari saepius audiui*; *Bed. Hist. V.12.12*).

Também aqui notamos a presença do advérbio *fortasse*, bem como a alusão à tradição oral, desta feita ligada explicitamente ao âmbito da prédica. Se antes tínhamos a frase *narrare audiui*, agora nos deparamos com a expressão *praedicari audiui*. A réplica do guia é novamente formular, sendo-lhe modificados alguns poucos detalhes: “Não. Este não é o Reino dos Céus que você imagina” (“*Non,*” *inquiens*, “*non hoc est regnum caelorum quod autumas*”; *ibid.*). A anáfora do trecho é uma espécie de *mise en abîme* retórica: o texto insiste no paralelismo das cenas e na oposição do pensamento de Drythelm – e do

²³ Para os usos – clássico e medieval – da forma dialógica como instrumento didático, *vide* Goldhill (2008).

leitor – frente ao discurso teológico.

Como dito acima, o significado dos quatro locais visitados será explicitado ao fim da viagem durante o último monólogo do guia. Neste ponto, as representações passam a portar uma série de sentidos introduzidos pela pergunta feita a Drythelm: “Você sabe o que são todas estas coisas que você viu?” (“*scis, quae sint ista omnia, quae uidisti?*”; Bed. Hist. V.12.14). Ao explicar-lhe a natureza dos tormentos, o guia é taxativo. Declara que as almas que se encontram no vale são “examinadas e punidas” (*examinandae et castigandae*). No entanto, adentrarão o Reino dos Céus no Dia do Juízo. O poço – acrescenta ele – é, por sua vez, a “boca da Geena” (*os Gehennae*), que confina os pecadores pela eternidade. Nenhum de seus prisioneiros poderá lhe escapar.

Trata-se de duas concepções decisivas às representações do porvir. De um lado, emprega-se, de maneira conscienciosa, o termo bíblico Geena, isto é, o inferno eterno da tradição testamentária. De outro, delinea-se pouco a pouco o vale bipartido, espaço onde se introduziu o tempo: o Purgatório²⁴.

Esta é, a nosso ver, a mensagem mais importante – e atual, diga-se – do texto. A *Visão de Drythelm*, escrita por uma das maiores autoridades teológicas do medievo, nos fornece uma cosmovisão precisa e explícita: a assimilação automática entre o Inferno e o suplício eterno revela-se equivocada, ou melhor, carece de uma relativização. Assim, diante da representação, escrita ou iconográfica, das penas infernais, temos o dever de nos colocarmos a pergunta de Drythelm: de fato, é este o Inferno de que ouvimos falar?

67

5. Sobre a tradução

A tradução ora proposta baseia-se na edição crítica de Colgrave e Mynors (1969), cotejada, em algumas passagens, com Plummer (1896). No que tange às citações bíblicas latinas, empregou-se como principal referência Gryson (2007 [1969]), acompanhadas das traduções de Almeida (2009 [1898]; 2017 [1959]), desde que não notadas maiores discrepâncias entre o original em latim e sua versão portuguesa. Como critério para a tradução dos nomes próprios,

²⁴ Em linhas gerais, é o que afirma Bremmer (2002, p. 98): “The valley was a purgatory *avant la lettre*. The souls here acquired the Kingdom of Heaven only at the Last Judgement, but prayers, fastings and celebrations of masses, especially, could liberate them before that day. The pit was the actual entry into Gehenna [...]”. Com relação a Moreira (2010, p. 156-157), a autora mostra-se mais assertiva sobre o tópico: “In Bede’s *Vision of Drythelm*, we are presented with a fully developed depiction of purgatory as a location in the otherworld that is temporary, punitive, but available to the intercession of the church and the intervention of the living. This was not protopurgatory; it was a fully operative system of intercession. [...] One might speculate that Drythelm’s vision was precisely the result of a pious layman’s first imaginative encounter with what appeared to him to be a relatively new idea”. Cf. Becker (1899, p. 52) e, como um todo, Gourevitch (1996). Em língua portuguesa, por fim, indicamos a leitura de Zierer (2003, esp. 62-63) e Cardoso (2003, esp. 60-61), cujas conclusões, embora por meio de argumentos diversos, aproximam-se daquelas do presente artigo.

adotamos as soluções de Machado (2003) e Colgrave e Mynors (1969), mantendo os topônimos nas línguas dos respectivos territórios, exceto nos casos em que são tradicionalmente traduzidos em português.

No que se refere ao aparato que acompanha a tradução, ele não tem a pretensão de ser exaustivo, escopo impraticável diante do *corpus* proposto. Por meio daquele, nosso objetivo não foi outro senão apontar algumas das questões centrais referentes ao texto. Ainda neste aspecto, lançamos mão, em poucos casos, dos apontamentos de Fávaro, Nápoli e Lima (2019), embora com alterações pontuais.

Enfim, os autores se guiaram por dois critérios tradutórios gerais: ao verter para a língua portuguesa o original latino, optou-se pelo uso do pronome de tratamento *você* e sua forma plural, em detrimento dos pronomes pessoais *tu* e *vós*, pouco utilizados no português brasileiro e que confeririam, a nosso ver, um rebuscamento desnecessário ao texto. No mais, no âmbito lexical, foram priorizadas em regra as acepções medievo-cristãs (e.g. BLAISE, 1954; LATHAM, 2008 [1965] etc.) dos vocábulos presentes na narrativa, em contraposição a seu emprego clássico. Mais importante, buscou-se como princípio norteador da tradução certa adequação elocutiva entre o original e sua transposição em língua portuguesa (cf. DRUHAN, 1938). Acreditamos que o leitor saberá, a partir da bibliografia fornecida e das notas explicativas, avaliar nossas escolhas, devidamente contextualizadas, à medida que ocorrerem no texto.

6. Abreviações²⁵

Alb.-Mag. <i>De Res.</i>	<i>Albertus Magnus</i> , Alberto Magno. <i>De Resurrectione, Opera omnia</i> (KÜBEL, 1958).
Alcuin. <i>De patribus</i>	<i>Alcuinus</i> , Alcuíno. <i>De patribus regibus, The Bishops, Kings, and Saints of York</i> (GODMAN, 1982).
Anon. <i>Cuth.</i>	<i>Vita Sancti Cuthberti auctore anonymo, Two Lives of Saint Cuthbert</i> (COLGRAVE, 2007).
Aug. <i>Enchir.</i>	<i>Aurelius Augustinus</i> , sc. Agostinho de Hipona <i>Enchiridion ad Laurentium de fide et spe et caritate</i> , CCSL, vol. 46 (EVANS, 1969).
Bed.	<i>Beda Venerabilis</i> , Beda o Venerável.

²⁵ Todas as abreviaturas de livros bíblicos provêm de Gryson (2007 [1969]). Para as referências a obras da Antiguidade Clássica, vide o *Greek-English Lexicon (LSJ)* e o *Oxford Latin Dictionary (OLD)*.

Cuth.	<i>Vita Sancti Cuthberti, Two Lives of Saint Cuthbert</i> (COLGRAVE, 2007).
Expos.	<i>Expositio Apocalypseos</i> , CCSL, vol. 121A (GRYSON, 2001).
Hist.	<i>Ecclesiastical History of the English People</i> (COLGRAVE; MYNORS, 1969).
CCSL	<i>Corpus Christianorum Series Latina</i>
Greg.-M. Dial.	<i>Gregorius Magnus, Gregório Magno. Dialogues</i> , vols. 3 (VOGÜÉ, 1978-1980).
Greg.-T. Hist.	<i>Gregorius Turonensis, Gregório de Tours. Libri Historiarum X</i> , MGH SS. rer. Merov 1.1 (KRUSCH; LEVISON, 1951).
Isid. Etym.	<i>Isidorus Hispalensis, Isidoro de Sevilha. Etymologiarum siue Originum Libri XX</i> , (LINDSAY, 1911).
MGH SS. rer. Merov	<i>Monumenta Germaniae Historica. Scriptores rerum Merovingicarum.</i>
Passio	<i>The Passion of Perpetua and Felicity</i> (HEFFERNAN, 2012).
S. Th.	<i>Tommaso d'Aquino. La Somma Teologica</i> (CENTI et al., 2014).
Sym. LDE.	<i>Symeon Dunelmensis, Simeão de Durham. Libellus de exordio atque procursu istius, hoc est Dunhelmensis, ecclesie</i> (ROLLASON, 2000).
Tractatus	<i>Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii, St. Patrick's Purgatory</i> , ed. R. Easting (EASTING, 1991).
Val. Vis. Max	<i>Valerius Bergidensis, Valério de Bierzo. Visiones del Mas Alla en Galicia durante la Alta</i>

Edad Media (DÍAZ Y DÍAZ, 1985).

Vis. Bar.

Visio Baronti monachi Longoretensis. MGH SS. rer. Merov. 5 (LEVISON, 1910).

Vis. Pauli

Apocalypse of Paul. A New Critical Edition of Three Long Latin Versions, (SILVERSTEIN; HILHORST, 1997).

7. Tradução

Historia ecclesiastica gentis anglorum

História eclesiástica do povo inglês

•

•

V.12.1. His temporibus miraculum memorabile et antiquorum simile in Britannia factum est. Namque ad excitationem uiuentium de morte animae quidam aliquandiu mortuus ad uitam resurrexit corporis, et multa memoratu digna quae uiderat narrauit; e quibus hic aliqua breuiter perstringenda esse putauit.

V.12.1. Na mesma época, um milagre memorável e similar àqueles dos antigos ocorreu na Britânia. Para que os vivos despertassem acerca da morte espiritual, certo homem, estando morto por algum tempo, retornou à vida e narrou as muitas coisas dignas de memória que observara. [Quanto a mim], sou da opinião de que devemos mencionar algumas delas brevemente aqui.

2. Erat ergo pater familias in regione Nordanhymbrorum quae uocatur Incuneningum, religiosam cum domu sua gerens uitam. Qui infirmitate corporis tactus, et hac crescente per

2. Em certa região da Nortúmbria, chamada Cunningham²⁶, havia um páter-famílias²⁷, que levava uma vida religiosa com os seus. Acometido por uma doença²⁸, ficou entre a vida e a

²⁶ *Incuneningum*. Segundo Colgrave e Mynors (1969, p. 488, n. 1), possivelmente um dos distritos da moderna Ayrshire. Embora pertencente ao reino de Strathclyde, encontrar-se-ia à época sob domínio nortúmbrio. Cf. Plummer (1896, p. 295).

²⁷ *Pater familias*. Em outras palavras, o núcleo familiar em sentido lato, compreendendo domésticos e agregados.

²⁸ A doença assume uma dupla função nas viagens pelo Outro Mundo. No âmbito narrativo, trata-se de um de seus principais *topoi*, marcador tanto da separação entre a alma e o corpo do visionário, quanto deste último haja vista sua comunidade. No âmbito religioso, representa o primeiro passo na direção do mundo espiritual, ou melhor, contribuiria para “atenuar a fronteira entre a terra e o céu” (“nuancer la frontière entre la terre et le ciel”, CAVAGNA, 2004, p. 39). Para outros exemplos da tópica, vide Greg.-M. *Dial.* IV.37.5-6, bem como as *Vis. Bar.* I, *Vis. Max.* III e *Bed. Hist.* III.19. No mais, não se deve esquecer de que a doença, diversamente do que se apresenta aos olhos modernos,

dies ad extrema perductus, primo tempore noctis defunctus est, sed diluculo reuiuens ac repente residens, omnes qui corpori flentes adsederant timore inmenso percussos in fugam conuertit; uxor tantum, quae amplius amabat, quamuis multum tremens et pauida remansit. Quam ille consolatus 'Noli' inquit 'timere, quia iam uere surrexi a morte qua tenebar, et apud homines sum iterum uiuere permissus; non tamen ea mihi, qua ante consueram, conuersatione sed multum dissimili ex hoc tempore uiuendum est'.

morte à medida que a moléstia se agravava, vindo a falecer ao cair da noite. Ressuscitou, porém, durante a aurora e, sentando-se de súbito, fez com que todos que choravam ao redor do cadáver saíssem correndo tomados de pavor. Sua esposa, que mais o amava, foi a única a permanecer, embora tremendo e transtornada. Ele então a consolou com estas palavras: "Não tenha medo, pois de fato me levantei da morte que me prendia, sendo-me permitido viver outra vez junto aos homens. Dito isso, devo viver daqui em diante não como costumava, mas de um modo muito diverso"²⁹.

3. Statimque surgens abiit ad uillulae oratorium, et usque ad diem in oratione persistens, mox omnem quam possederat substantiam in tres diuisit portiones, e quibus unam coniugi, alteram filiis tradidit, tertiam sibi ipse retentans statim pauperibus distribuit. Nec multo post saeculi curis absolutus ad monasterium Mailros, quod Tuidi fluminis circumflexu maxima ex parte

3. E imediatamente se levantou e foi ao oratório da vila, onde permaneceu orando até o amanhecer. Em seguida, dividiu tudo o que tinha em três partes: uma delas confiou à esposa; a outra ao filho; a terceira, por sua vez, guardou para si, distribuindo-a imediatamente aos pobres. Não muito tempo depois, já livre das agruras do mundo, dirigiu-se ao monastério de Melrose, cuja maior

é entendida na tradição medieval-cristã como possível instrumento divino à salvação humana. Lê-se, por exemplo, em missiva do prior de Canterbury acerca do surto epidêmico de 1348: "Terrível aos filhos dos homens é Deus, cuja autoridade subjugava todas as coisas por ordem de Sua vontade. Aqueles que ama, Ele repreende e castiga. Ele os pune temporalmente com diversos tipos de flagelos, para que não tenha de condená-los pela eternidade. Em razão de seus pecados, permite repetidas vezes que surjam moléstias, pestilências, tristes penúrias, discórdias, guerras e outras angustiantes tribulações, com que aterroriza e aflige frequentemente os homens" (*Terribilis super filios hominum Deus, cujus nutibus subduntur omnia suae uoluntatis imperio, quos diligit, arguit et castigat, uariisque flagitiorum generibus quandoque punit temporaliter, ut eos aeternaliter non condemnet, ac languores, pestilentias, et famis miserias, dissensionesque et guerras, et alias tribulationum angustias, quibus frequenter peccatis hominum exigentibus eos terreat et affligat, permittit multotiens exoriri*; WILKINS, 1737, p. 738).

²⁹ Ou seja, a transformação do visionário, outro *tópos* fundamental ao gênero de viagens pelo porvir. Sobre ele, escreve Zaleski (1987, p. 32), ao cotejar os escritos de Gregório Magno e Beda: "These authors value the otherworld journey narrative primarily for its power as a model for conversion and its usefulness in advertising the cause of particular religious institutions and ideas".

clauditur, peruenit, acceptaque tonsura locum secretae mansionis, quam praeuiderat abbas, intrauit, et ibi usque ad diem mortis in tanta mentis et corporis contritione durauit, ut multa illum quae alios laterent uel horrenda uel desideranda uidisse, etiamsi lingua sileret, uita loqueretur.

parte é rodeada pelo rio Tweed³⁰. Recebeu então a tonsura e instalou-se em um aposento à parte providenciado pelo abade. E assim, lá permaneceu até o fim de seus dias em tamanha constrição de mente e corpo, que, embora sua língua calasse, sua vida revelaria muitas das coisas terríveis e desejáveis que observara e que ocultava dos outros³¹.

4. Narrabat autem hoc modo quod uiderat, ‘Lucidus’ inquiring ‘aspectu et clarus erat indumento, qui me ducebat. Incedebamus autem tacentes, ut uidebatur mihi, contra ortum solis solstitialem; cumque ambularem, deuenimus ad uallem multae latitudinis ac profunditatis, infinitae autem longitudinis, quae ad

4. Ele contava com estas palavras o que vira: “Quem me guiava³² tinha um semblante luminoso, e suas vestes eram brilhantes³³. Em silêncio, avançamos a nordeste³⁴, como me parecia. Enquanto andávamos, chegamos a um vale muito largo e profundo, infinitamente extenso, que se situava à nossa esquerda. Um de

³⁰ Entenda-se, o rio no extremo sul escocês.

³¹ *ut multa illum...uita loqueretur*. A frase é calcada em Greg-M. *Dial.* IV.37.4: “ainda que sua língua calasse, sua nova conduta revelaria ter ele visto e temido os tormentos do Inferno” (*ut inferni eum uidisse et pertimuisse tormenta, etiam si taceret lingua, conuersatio loqueretur*).

³² Ora um anjo (*e.g. Visio Baronti, Visio Thugdali*) ora um santo (*Visio Thurkilli*), a figura do guia exerce funções múltiplas e complementares nas viagens pelo além-túmulo cristão. Por um lado, caberá a ele a proteção do viajante, afligido pelos obstáculos do porvir sob a forma de demônios, intempéries ou da própria geografia tortuosa. Por outro, à semelhança do *angelus interpres veterotestamentário* (*e.g. Dn 8.15-17; Za 1.9*) e pseudopigráfico (1 *Enoch* 17-36; 2 *Enoch* 3-37), deve elucidar ao visionário aquilo com que este se depara, assumindo o papel de porta-voz doutrinário do texto (CAVAGNA, 2017, p. 187). Para um panorama acerca de suas múltiplas funções, *vide* Danielou (1953) e, mais recentemente, Faure (2004, esp. 23-29; 111-114). Para sua ocorrência na literatura visionária, ver Zaleski (1987, p. 52-55).

³³ O esplendor do anjo-guia, teofânico em última análise, é uma constante nas narrativas do além. A título de exemplo, afirma-se na *Vita sancti Fursei* (séc. VII) e na *Visio Baronti* (*ibid.*) respectivamente: “Ao achar-se mais no alto, divisou os semblantes dos santos anjos, resplandecentes num excelso fulgor. Ou melhor, em nome da correção, observava a claridade da magnífica luz que emanava de sua presença, não podendo ver nenhum traço físico, salvo essa claridade” (*Altius uero perueniens, mirifico splendentis fulgore facies sanctorum cernebat angelorum uel, ut certius dicam, claritatem eximiae lucis ex ipsis angelicis intuebatur conspectibus, nec aliquid corporeum nisi luminis claritatem potuit uidere*, CICCARESE, 1987, p. 192); “[...] veio-me em socorro o santo arcanjo Rafael, fulgurante em seu esplendor (...)” ([...] *adfuit mihi in adiutorium sanctus Rafahel archangelus in splendore claritatis fulgidus* [...]), LEVISON, 1910, p. 379). Mas como dito acima, o brilho angelical revela-se ao cabo enquanto manifestação da Luz divina (*cf. Io 1.4-9, 9.5; 1 Io 1.5*).

³⁴ No original, *contra ortum solis solstitialem* (“na direção do nascer do Sol no solstício de verão”). O significado da coordenada é evidenciado na tradução anglo-saxã do texto. *Vide* Plummer (1896, p. 295).

leuam nobis sita unum latus flammis feruentibus nimium terribile, alterum furenti grandine ac frigore niuium omnia perflante atque uerrente non minus intolerabile praeferebat. Vtrumque autem erat animabus hominum plenum, quae uicissim huc inde uidebantur quasi tempestatis impetu iactari. Cum enim uim feruoris immensi tolerare non possent, prosiliebant miserae in medium rigoris infesti; et cum neque ibi quippiam requiei inuenire ualerent, resiliebant rursus urendae in medium flammarum inextinguibilium.

seus lados era aterrorizante com ferozes chamas; o outro era não menos intolerável com um granizo inclemente e uma gélida neve que sopravam, varrendo todas as coisas³⁵. Ambos estavam repletos de almas, que eram lançadas de lá para cá, como que pela violência da tempestade. Quando as miseráveis não mais conseguiam suportar a força do calor desmedido, saltavam para o meio do nefasto frio. Por sua vez, quando não podiam encontrar ali qualquer conforto, saltavam de volta às chamas eternas para serem queimadas de novo.

73

5. Cumque hac infelici uicissitudine longe lateque, prout aspicere poteram, sine ulla quietis intercapedine innumerabilis spirituum deformium multitudo torqueretur, cogitare coepi quod hic fortasse esset infernus, de cuius tormentis intolerabilibus narrari saepius audiui. Respondit cogitationi meae ductor, qui me praecedebat, “Non hoc” inquires “suspiceris; non enim hic infernus est ille, quem putas”.

5. E assim, visto que uma incontável multidão de espíritos torpes era torturada por todos os lados nesta triste alternância, sem qualquer momento de repouso, segundo podia enxergar, comecei a pensar se acaso não seria este o Inferno de cujos intoleráveis tormentos ouvira frequentemente falar. Ao meu pensamento, porém, respondeu-me o guia à minha frente: “Não acredite nisso. Este não é o Inferno que você imagina”³⁶.

6. ‘At cum me hoc spectaculo tam horrendo perterritum paulatim in ulteriora produceret, uidi subito ante

6. E então, enquanto conduzia-me pouco a pouco – estava eu, pois, apavorado diante de tão horrendo

³⁵ A alternância entre o calor e o frio punitivos é atestada pelo próprio Beda (*Expos.* II.12) quando comenta Apc. 8.7 à luz de Iob 24.19. Cf. também Ps 65.12. Além disso, escreve Isidoro, ecoando os *Commentariorum in Matheum Libri IV* (I.1721-1724), de Jerônimo: “Diz-se que a Geena é dividida em duas partes: uma de fogo; a outra de gelo” (*Duplicem autem esse Gehennam et ignis et frigoris*) (*Etym.* XIV.9.9). Cf. também Bremmer (2002, p. 174, n. 62) e Cavagna (2017, p. 225-226). As possíveis fontes do autor extrapolam em muito, entretanto, as aqui apresentadas. Para uma ampla listagem e discussão das mesmas, vide Ahern (2020, p. 187-188).

³⁶ Para as implicações da fala do guia, ver Introdução.

nos obscurari incipere loca, et tenebris omnia repleri. Quas cum intraremus, in tantum paulisper condensatae sunt, ut nihil praeter ipsas aspicerem, excepta dumtaxat specie et ueste eius, qui me ducebat.

espetáculo –, vi de súbito os locais à nossa frente tornarem-se cada vez mais sombrios e tudo ser tomado pelas trevas³⁷. Quando nos embrenhamos nelas, as trevas rapidamente se tornaram tão densas, que eu não conseguia ver nada exceto o semblante e as vestes de meu guia³⁸.

7. Et cum progredermur “sola sub nocte per umbras”, ecce subito apparent ante nos crebri flammaram tetrae globi ascendentes quasi de puteo magno rursumque decedentes in eundem. Quo cum perductus essem, repente ductor meus disparuit, ac me solum in medio tenebrarum et horridae visionis reliquit. At cum idem globi ignium sine intermissione modo alta peterent, modo ima baratri repeterent, cerno omnia quae ascendebant fastigia flammaram plena esse spiritibus hominum, qui instar fauillarum cum fumo ascendentium nunc ad sublimiora proicerentur, nunc retractis ignium uaporibus relaberentur in profunda.

7. Assim, avançando pelas “sombrias da solitária noite”³⁹, eis que surgem à nossa frente inúmeros globos de tétricas chamas, que, primeiro subindo do que parecia ser um grande poço, despencavam em seguida dentro do mesmo. Ao chegar ali, meu guia desapareceu de repente, deixando-me só em meio às trevas e àquela horrível visão. Além disso, conforme os globos de fogo subiam e caíam sem cessar no fundo do abismo, notei que a parte superior de todas aquelas chamas estava repleta de espíritos de homens, que, voando como fagulhas na fumaça, eram lançados às alturas para depois retornarem às profundezas com o arrefecer do vapor. E como se não

³⁷ *i.e.* a escuridão do mundo dos mortos, elemento a um só tempo geográfico e aporético, posto que obstáculo à compreensão do além. São inúmeras suas ocorrências na literatura greco-romana e testamentária. Em Hesíodo, lemos acerca dos Titãs “sob a treva espessa [do Tártaro]” (ὑπὸ ζόφου ἠερόεντι, *Th.* 729), tópica empregada na poesia homérica (*Od.* XI.155-156), bem como em Virgílio (*Aen.* VI.404). No Antigo Testamento, Jó questiona o desígnio divino, ao referir-se “à terra de escuridão e da sombra da morte” ([...] *ad terram tenebrosam et opertam mortis caligine*, Iob 10. 21). Enfim, em um dos versículos do Salmo 87, tampouco se deixa de lado tal caracterização, quando se fala do Sheol: “puseste-me no mais profundo do abismo, em trevas e nas profundezas” (*posuisti me in lacu nouissimo in tenebris in profundis*, Ps 87.7).

³⁸ Por sua vez, na *Visio Tnugdali* (séc. XII): “Após andar por muito tempo sem nenhuma luz exceto o esplendor do anjo, chegaram a um vale muito assustador e tenebroso, coberto pela escuridão da morte” (*Cumque longius simul pergerent et nullum preter splendorem angeli lumen haberent, tandem uenerunt ad uallem ualde terribilem ac tenebrosam et mortis caligine coopertam* [...], WAGNER, 1989, p. 12).

³⁹ Verg. *Aen.* VI.268.

Sed et fetor incomparabilis cum
eisdem uaporibus ebulliens omnia
illa tenebrarum loca replebat.

bastasse, um fedor sem igual, exalado
com este vapor, impregnava tudo nas
trevas.

8. Et cum diutius ibi pavidus
consisterem, utpote incertus quid
agerem, quo uerterem gressum, qui
me finis maneret, audio subitum post
terga sonitum inmanissimi fletus ac
miserrimi, simul et cachinnum
crepitantem quasi uulgi indocti captis
hostibus insultantis.

8. Assim, estando ali assustado já por
bastante tempo sem saber como
deveria agir, tampouco aonde
prosseguir (ou mesmo que fim me
aguardava), ouvi às minhas costas o
rumor de um enorme e miserável
choro, entremeado de gargalhadas,
que irrompiam como se de uma
multidão vil que proferisse
impropérios contra um inimigo
capturado.

9. Vt autem sonitus idem clarior
redditus ad me usque peruenit,
considero turbam malignorum
spirituum, quae quinque animas
hominum merentes heulantesque,
ipsa multum exultans et cachinnans,
medias illas trahebat in tenebras; e
quibus uidelicet hominibus, ut
dinoscere potui, quidam erat
adtonsus ut clericus, quidam laicus,
quaedam femina. Trahentes autem
eos maligni spiritus descenderunt in
medium baratri illius ardentis;
factumque est ut, cum longius
subeuntibus eis fletum hominum et
risum daemoniorum clare discernere
nequirem, sonum tamen adhuc
promiscuum in auribus haberem.

9. Quando, porém, este som chegou
com mais clareza aos meus ouvidos,
vi uma turba de espíritos malignos
que, saltitantes e às gargalhadas,
arrastava para o meio das trevas
cinco almas de homens lamentando-
se aos prantos. Segundo pude
perceber, um deles era tonsurado
como um clérigo, o outro, um laico,
por último, havia uma mulher.
Arrastando-os, os espíritos malignos
desceram para o meio do abismo
ardente e à medida que desciam,
[menos] eu conseguia diferenciar com
clareza o choro dos homens do riso
dos demônios, mas escutava apenas
um barulho confuso.

10. Interea ascenderunt quidam
spirituum obscurorum de abyssu illa
flammiuoma, et adcurrentes
circumdederunt me, atque oculis
flammantibus et de ore ac naribus

10. Neste ínterim, espíritos sombrios
subiram pelo abismo que vomitava
fogo! Correndo em minha direção,
cercaram-me. Causavam terror com
seus olhos em chamas, com sua boca

ignem putidum efflantes angebant; forcipibus quoque igneis, quos tenebant in manibus, minitabantur me comprehendere, nec tamen me ullatenus contingere, tametsi terrere, praesumebant. Qui cum undiqueuersum hostibus et caecitate tenebrarum conclusus, huc illucque oculos circumferrem, si forte alicunde quid auxilii quo saluarer adueniret, apparuit retro uia qua ueneram quasi fulgor stellae micantis inter tenebras, qui paulatim crescens, et ad me ocuis festinans, ubi adpropinquauit, dispersi sunt et aufugerunt omnes qui me forcipibus rapere quaerebant spiritus infesti.

e nariz por onde saía um fogo fétido. Portavam tenazes ardentes com as quais ameaçavam capturar-me. No entanto, não ousavam, de forma alguma, me tocar, a despeito de suas bravatas. E assim, completamente cercado pelos inimigos e pela escuridão, olhando de um lado para o outro se acaso algum socorro viria ao meu encontro para salvar-me, eis que uma espécie de estrela fulgurante, brilhando em meio às trevas, surgiu atrás de mim pelo caminho de onde eu viera. Cada vez mais intensa, aproximava-se velozmente. E quando chegou, todos os espíritos nefastos que desejavam capturar-me com as tenazes dispersaram-se e fugiram.

11. 'Ille autem, qui adueniens eos fugauit, erat ipse qui me ante ducebat; qui mox conuersus ad dextrum iter quasi contra ortum solis brumalem me ducere coepit. Nec mora, exemtum tenebris in auras me serенаe lucis eduxit. Cumque me in luce aperta duceret, uidi ante nos murum permaximum, cuius neque longitudini hinc uel inde neque altitudini ullus esse terminus uideretur. Coepi autem mirari, quare

11. Aquele que os afugentara com sua chegada não era outro senão quem antes me guiava. Voltou-se imediatamente à direita e começou a conduzir-me a sudeste⁴⁰. Sem demora, levou-me das trevas a uma atmosfera de serena luz⁴¹. Conduzindo-me à claridade, vi diante de nós um muro gigantesco, cujo comprimento e altura não pareciam ter fim⁴². Comecei então a perguntar-me por que nos aproximávamos dele,

⁴⁰ No original, *contra ortum solis brumalem* ("na direção do nascer do Sol invernal"). Assim como na nota 34, cf. Plummer (1896, p. 297).

⁴¹ Em outras palavras, a luz celeste, indício da presença de Deus e de seus anjos: "o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem ninguém jamais viu, nem é capaz de ver" (*qui solus habet immortalitatem lucem habitans inaccessibilem quem uidit nullus hominum sed nec uidere potest*) (1 Tim 6.16). Ainda no âmbito cristão, vide Apc 21.22-25; *Vis. Pauli* 21.13-17; *Passio* 11.1-5; 12.1-3.

⁴² Um dos atributos da Jerusalém Celeste (Apc 21.12; cf. Ez 28.12-14), o muro – ou muros, como na *Visio Pauli* (vide excerto abaixo) – servirá por vezes de anteparo à morada dos bem-aventurados: "Quase três mil anjos cantavam um hino diante de mim, até chegarmos à Cidade de Cristo. [...] Era toda de ouro. E doze muros a circundavam e havia ali doze torres internas [...]" (*Et angeli quasi tria milia ymnum ante me dicentes erant donec perueniremus usque ad ciuitatem Christi. [...] Et erat tota aurea. Et duodecym muri circuibant eam et xii pigre [i.q. pyrgi] interioris [...]; ibid. 23.4-6,9-10*).

ad murum accederemus, cum in eo nullam ianuam uel fenestram uel ascensum alicubi conspicerem. Cum ergo peruenissemus ad murum, statim nescio quo ordine fuimus in summitate eius.

12. Et ecce ibi campus erat latissimus ac laetissimus, tantaque flagrantia uernantium flosculorum plenus, ut omnem mox fetorem tenebrosi fornacis, qui me peruaserat, effugaret admirandi huius suauitas odoris. Tanta autem lux cuncta ea loca perfuderat, ut omni splendore diei siue solis meridiani radiis uideretur esse praeclarior. Erantque in hoc campo innumera hominum albatorum conuenticula sedesque plurimae agminum laetantium. Cumque inter choros felicium incolarum medios me duceret, cogitare coepi quod hoc fortasse esse regnum caelorum, de quo praedicari saepius audiui. Respondit ille cogitatu meo, “Non,” inquit, “non hoc est regnum caelorum quod autumas”.

uma vez que não via, em parte alguma, portas, janelas ou escadas. No entanto, ao chegarmos ao muro, imediatamente – não sei de que maneira – nos vimos em seu topo.

12. Havia ali um campo enorme e muitíssimo aprazível, cheio de tamanha fragrância de flores desabrochando, que a suavidade deste maravilhoso aroma dissipou de imediato todo o fedor da tenebrosa fornalha o qual me invadira. Sua luz banhava de tal modo todas aquelas paragens que parecia mais intensa que toda a luz do dia, ou melhor, que os raios do sol a pino. Havia neste campo inúmeros grupos de pessoas vestidas de branco e muitíssimas moradas de jubilosas hostes⁴³. E assim, enquanto era conduzido entre os coros de felizes habitantes, comecei a pensar se acaso não seria este o Reino dos Céus de que ouvira falar com frequência na prédica. Ao meu pensamento, porém, [meu guia] respondeu: “Não. Este não é o Reino dos Céus que você imagina”⁴⁴.

⁴³ Vale dizer, o *locus amoenus* dos bem-aventurados, em que confluem a flora exuberante e o canto harmonioso, o bom aroma e a luz. Vide Patch (1980, p. 136-137) e Delumeau (1992, p. 21-27). Em Gregório Magno deparamo-nos com a seguinte descrição: “Do outro lado da ponte, havia prados amenos e verdejantes, repletos de flores odoríferas, onde eram vistos pequenos grupos de homens com vestes brancas. Tão agradável era o aroma da paragem, que essa fragrância saciava os que lá caminhavam e residiam. Ali as moradas daqueles muitos estavam todas repletas de uma brilhante luz” (*Transacto autem ponte amoena erant prata atque uirentia, odoriferis herbarum floribus exornata, in quibus albatorum hominum conuenticula esse uidebantur. Tantisque in loco eodem odor suauitatis inerat, ut ipsa suauitatis fragrantia illic deambulantes habitantesque satiare. Ibi mansiones diuersorum singulae magnitudine lucis plenae.; Dial. IV.37.8-9*). Dito isso, a ressalva de Ciccarese (1987, p. 334) mostra-se fundamental: enquanto nos “Diálogos” discorre-se sobre o paraíso-jardim dos eleitos; em Beda, encontramos-nos diante da antecâmara das almas *meritevoli*, todavia ainda não *perfette*.

⁴⁴ Vide n. 36.

13. 'Cumque procedentes transissemus et has beatorum mansiones spirituum, aspicio ante nos multo maiorem luminis gratiam quam prius, in qua etiam uocem cantantium dulcissimam audiui; sed et odoris flagrantia miri tanta de loco effundebatur, ut is, quem antea degustans quasi maximum rebar, iam permodicus mihi odor uideretur, sicut etiam lux illa campi florentis eximia, in conparatione eius quae nunc apparuit lucis, tenuissima prorsus uidebatur et parua. In cuius amoenitatem loci cum nos intraturos sperarem, repente ductor substitit; nec mora, gressum retorquens ipsa me, qua uenimus, uia reduxit.

14. 'Cumque reuersi perueniremus ad mansiones illas laetas spirituum candidatorum, dixit mihi: "Scis, quae sint ista omnia, quae uidisti?" Respondi ego: "Non." Et ait: "Vallis illa, quam aspexisti flammis feruentibus et frigoribus horrenda rigidis, ipse est locus in quo examinandae et castigandae sunt animae illorum, qui differentes confiteri et emendare scelera quae fecerunt, in ipso tandem mortis articulo ad paenitentiam confugiunt, et sic de corpore exeunt; qui tamen, quia confessionem et paenitentiam uel in morte habuerunt, omnes in die iudicii ad regnum caelorum perueniunt. Multos autem preces uiuentium et elimosynae et ieiunia et

13. Continuamos então avançando e, ao passarmos pelas moradas dos espíritos cândidos, vejo à nossa frente uma luz muito mais benfazeja que antes, onde escutei uma dulcíssima voz de pessoas cantando. O bom cheiro que emanava deste lugar era tão espantoso que o aroma de que primeiro provara, e que julgava sublime, parecia-me ínfimo agora. Além disso, a extraordinária luz daquele campo florido parecia, com efeito, fraquíssima e diminuta em comparação a esta que agora surgia. No entanto, quando tinha esperança de entrarmos neste local ameno, meu guia parou de repente e, voltando-se sem demora para trás, conduziu-me de volta pelo caminho de onde viemos.

14. Quando chegamos às felizes moradas dos espíritos cândidos, ele me disse: "Você sabe o que são todas estas coisas que você viu?". E eu respondi: "Não". E meu guia então falou: "Aquele vale terrível, com suas chamas ardentes e seu frio congelante, é o local onde devem ser examinadas e punidas as almas dos que, tardando em confessar-se e pagar pelos pecados praticados, penitenciam-se apenas no leito de morte e então abandonam seus corpos. Ainda assim, visto que fizeram a confissão e arrependeram-se no fim da vida, todos eles alcançam o Reino dos Céus no dia do Juízo. No mais, as preces dos vivos, as esmolas, os jejuns e, sobretudo, a

maxime celebratio missarum, ut etiam ante diem iudicii liberentur, adiuuant. Porro puteus ille flammium ac putidus, quem uidisti, ipsum est os gehennae, in quo quicumque semel inciderit, numquam inde liberabitur in aeuum. Locus uero iste florifer, in quo pulcherrimam hanc iuuentutem iucundari ac fulgere conspicias, ipse est, in quo recipiuntur animae eorum qui in bonis quidem operibus de corpore exeunt; non tamen sunt tantae perfectionis, ut in regnum caelorum statim mereantur introduci; qui tamen omnes in die iudicii ad uisionem Christi et gaudia regni caelestis intrabunt. Nam quicumque in omni uerbo et opere et cogitatione perfecti sunt, mox de corpore egressi ad regnum caeleste perueniunt; ad cuius uicinia pertinet locus ille, ubi sonum cantilenae dulcis cum odore suauitatis ac splendore lucis audisti. Tu autem, quia nunc ad corpus reuerti et rursum inter homines uiuere debes, si actus tuos curiosius discutere, et mores sermonesque tuos in rectitudine ac simplicitate seruare studueris, accipies et ipse post mortem locum mansionis inter haec quae cernis agmina laetabunda spirituum beatorum. Namque ego, cum ad tempus abscessissem a te, ad

celebração das missas⁴⁵ ajudam muitos a serem liberados antes do Juízo. Por outro lado, o poço fétido e cuspidor de fogo que você viu é a entrada da Geena. Todo aquele que cair nele uma única vez nunca mais poderá escapar. Por sua vez, o campo florido em que você vê rejubilar-se e fulgir esta gloriosíssima juventude é a paragem onde são recebidas as almas dos que deixam a vida praticando boas obras. Dito isso, não gozam ainda de uma perfeição tal a ponto de merecerem ser introduzidos de imediato no Reino dos Céus. Todos eles, porém, entrarão na presença do Cristo e na bem-aventurança do Reino Celeste no dia do Juízo. Por fim, todo aquele que for perfeito em cada uma de suas palavras, ações e pensamentos, assim que deixa o corpo, alcança aquele reino. Esse reino encontra-se ao lado de onde você ouviu os sons daquele doce canto misturado com o agradável aroma e esplendor. No entanto, você deve retornar agora ao corpo e viver de novo entre os homens. Se você, porém, examinar com grande afincos os seus atos e conservar os seus modos e palavras com correção e simplicidade, receberá após a morte, também você, uma morada entre estas regozijantes fileiras de espíritos

⁴⁵ Entenda-se, os diversos de tipos de intercessão em prol dos mortos. Sobre sua eficácia ou não, cf. Aug. *Enchir.* 64-69 e Greg.-M. *Dial.* IV.41.6; IV.59.6. Deve-se salientar, porém, que Beda, à diferença de Agostinho, acabaria por ampliar o número de beneficiados por tais atos: “Yet Bede’s group of those ‘not so bad’ as to deserve damnation are clearly worse sinners than Augustine’s group. They have committed crimes (*scelera*) that they have failed to confess and emend except on their deathbed. For this they must be tried and punished, but they will still be saved. In offering heaven to grave sinners through extended purgation, Bede widened the net of salvation” (MOREIRA, 2010, p. 154).

hoc feci, ut quid de te fieri deberet agnoscerem”.

bem-aventurados que está vendo. Quando me separei de você por um momento, fiz o mesmo para saber o que lhe guardava o porvir”.

15. Haec mihi cum dixisset, multum detestatus sum reuerti ad corpus, delectatus nimirum suauitate ac decore loci illius quem intuebar, simul et consortio eorum quos in illo uidebam. Nec tamen aliquid ductorem meum rogare audebam; sed inter haec nescio quo ordine repente me inter homines uiuere cerno’.

15. E ao fim destas palavras, senti ódio por ter de retornar ao corpo, deleitado não apenas com a doçura e beleza daquele lugar que observava, mas com a presença dos indivíduos que via ali. No entanto, não ousava fazer qualquer pedido ao meu guia. E neste ínterim, não sei de que maneira, vi-me de repente voltar à vida entre os homens⁴⁶.

16. Haec et alia quae uiderat idem uir Domini, non omnibus passim desidiosis ac uitae suae incuriosis referre uolebat, sed illis solummodo qui uel tormentorum metu perterriti uel spe gaudiorum perennium delectati profectum pietatis ex eius uerbis haurire uolebant. Denique in uicinia cellae illius habitabat quidam monachus nomine Haemgisl, presbyteratus etiam, quem bonis actibus adaequabat, gradu praeminens, qui adhuc superest et in Hibernia insula solitarius ultimam uitae aetatem pane cibario et frigida aqua sustentat. Hic saepius ad eundem uirum ingrediens, audiuit ab

16. Essas e outras coisas que este homem de Deus presenciara não desejava narrar indiscriminadamente a todos os indolentes e relapsos para com suas vidas, mas apenas àqueles que, aterrorizados pelo medo dos tormentos ou deleitados pela esperança das alegrias eternas, desejavam tirar algum proveito espiritual de suas palavras. Próximo à sua cela, habitava certo monge chamado Haemgisl⁴⁷, distinto em seu ministério, cujas boas ações lhe eram condizentes. Ele ainda está vivo, sozinho na Irlanda, levando seus derradeiros anos à base de pão e água. Haemgisl visitava com bastante

⁴⁶ Assim como a enfermidade (cf. n. 28), o retorno repentino ao mundo dos vivos é recorrente neste tipo de narrativa: “E ao tomar rapidamente o caminho, abri os olhos de súbito, e eis que a gente do entorno, tendo se reunido, celebrava com deferência as exéquias à volta de meu corpo, segundo o rito fúnebre” (*Dum autem uelociter carperem iter, subito aperiens oculos, et ecce collecta uicinitas mea exhibentes obsequias, corpusculum meum in medio positum, funeris ex more reddebant officium*; DÍAZ y DÍAZ, 1985, p. 51); “Não percebeu [sc. Túndalo] qualquer passagem do tempo. Em um momento, falava com o anjo no céu; no outro, viu-se na terra em seu corpo” (*Nullum enim intervallum nec unum temporis sensit interesse momentum, set in uno atque eodem temporis puncto in celis loquebatur ad angelum et in terris se sensit induere corpus suum*; WAGNER, 1989, p. 55).

⁴⁷ Não há maiores notícias sobre quem seja a personagem.

eo repetita interrogatione, quae et qualia essent quae exutus corpore uideret; per cuius relationem ad nostram quoque agnitionem peruenere, quae de his pauca perstrinximus. Narrabat autem uisiones suas etiam regi Aldfrido, uiro undecumque doctissimo; et tam libenter tamque studiose ab illo auditus est, ut eius rogatu monasterio supra memorato inditus ac monachica sit tonsura coronatus, atque ad eum audiendum saepissime, cum illas in partes deuenisset, accederet. Cui uidelicet monasterio tempore illo religiosae ac modestae uitae abbas et presbyter Ediluald praeerat, qui nunc episcopalem Lindisfarnensis ecclesiae cathedram condignis gradu actibus seruat.

frequência este homem e, depois de muito insistir, ouviu de sua boca o que ele havia visto ao sair do corpo. Foi através de seu relato que tomamos conhecimento do pouco de que falamos. Tal homem também costumava narrar suas visões ao rei Aldfrith⁴⁸, doutíssimo acerca de tudo, o qual lhe dava ouvidos de tão bom grado e atenção, que, a pedido do rei, foi aceito no monastério mencionado e coroado com a tonsura monástica. O rei ia ouvi-lo com muitíssima frequência, quando se dirigia àquelas partes. Nessa época, presidia este monastério o abade e presbítero Æthelwold⁴⁹, que agora ocupa com ações dignas do cargo o assento episcopal na igreja de Lindisfarne⁵⁰.

81

17. Accepit autem in eodem monasterio locum mansionis secretiorem, ubi liberius continuis in orationibus famulatus sui Conditoris uacaret. Et quia locus ipse super ripam fluminis erat situs, solebat hoc creber ob magnum castigandi corporis affectum ingredi, ac saepius in eo supermeantibus undis inmergi; sicque ibidem quamdiu sustinere posse uidebatur, psalmis uel precibus

17. E assim, aceitou neste mesmo monastério um local apartado, onde poderia dedicar-se com maior liberdade ao serviço de Seu Criador. E porque o local achava-se na margem do rio, tinha o costume de repetidas vezes não apenas entrar em suas águas – muito desejoso de castigar o corpo –, mas frequentemente imergir em suas ondas. Mesmo com a água subindo

⁴⁸ *Regi Aldfrido*. Soberano da Nortúmbria, cujo reinado se deu entre os anos de 685 e 705. Assim como Beda o faz, sua erudição será lembrada por Alcuíno (c. 740 – 804), em um dos *carmina* do autor: “ele que, desde a tenra idade, fora iniciado nas sacras letras; sábio de grande eloquência e arguto engenho; a um só tempo, rei e mestre” (*qui sacris fuerat studiis imbutus ab annis/ aetatis primae, ualido sermone sophista,/ acer et ingenio: idem rex simul atque magister; De patribus*, v. 844-846).

⁴⁹ *abbas et presbyter Ediluald. Æthelwold*, prior e abade de Melrose. Cf. Anon. *Cuth.* IV.4 e Bed. *Cuth.* XXX. A tradição lhe atribuiria dois feitos: a ordem de ornamentar (com *auro gemmisque*) os “Evangelhos de Lindisfarne” (cf. Sym. *LDE.* II.12) e a confecção de uma cruz de pedra em memória de São Cuthbert (I.12).

⁵⁰ Ou seja, após a morte de Eadfrith (†721), seu antecessor.

insistere, fixusque manere ascendente aqua fluminis usque ad lumbos, aliquando et usque ad collum; atque inde egrediens ad terram, numquam ipsa uestimenta uda atque algida deponere curabat, donec ex suo corpore calefierent et sicarentur.

até a cintura (ou por vezes até seu pescoço), viam-no permanecer imóvel dentro do rio, suportando [tudo aquilo] o quanto podia, concentrado em recitar os salmos e orar. E quando por fim saía do rio, nunca cuidava em retirar as vestes molhadas e gélidas, até que ficassem quentes e secas devido ao [calor] do próprio corpo⁵¹.

18. Cumque tempore hiemali defluentibus circa eum semifractarum crustis glacierum, quas et ipse aliquando contriuerat, quo haberet locum standi siue inmergendi in fluuio, dicerent qui uidebant: 'Mirum, frater Drythelme' (hoc enim erat uiro nomen), 'quod tantam frigoris asperitatem ulla ratione tolerare praeuales', respondebat ille simpliciter (erat namque homo simplicis ingenii ac moderatae naturae): 'Frigidiora ego uidi.' Et cum dicerent: 'Mirum quod tam austeram tenere continentiam uelis', respondebat: 'Austeriora ego uidi.'

18. Durante o inverno, quando pedaços de gelo flutuavam ao seu redor e ele mesmo, por vezes, tinha de quebrá-los a fim de ter onde ficar de pé ou mergulhar no rio, aqueles que o viam falavam: "É espantoso, irmão Drythelm (era, pois, este seu nome), que você consiga de alguma maneira tolerar tamanho frio!". E Drythelm respondia com espontaneidade, homem de modos simples e natureza moderada que era: "Eu presenciei um frio ainda maior". Ou então quando diziam: "É espantoso que você queira manter uma conduta tão austera!". E ele respondia: "Eu presenciei coisas ainda mais austeras".

19. Sicque usque ad diem suae uocationis infatigabili caelestium bonorum desiderio corpus senile inter cotidiana ieiunia domabat, multisque et uerbo et conuersatione saluti fuit.

19. E assim até o dia em que foi chamado, disciplinava seu velho corpo com jejuns diários [movido] pelo desejo infatigável das bem-aventuranças celestes, ele que foi a salvação de muitos por meio de suas palavras e de sua conduta⁵².

⁵¹ Cf. *Bed. Hist.* III.19.

⁵² Como visto acima (n. 29), trata-se da última etapa da jornada, cujo término ensejará uma transformação por parte do viajante e, por conseguinte, de seus leitores/ouvintes: "Mas diz o anjo: 'Deves retornar ao teu corpo e tudo o que viste guardar na memória para a utilidade dos teus

REFERÊNCIAS

1. Fontes primárias

ALMEIDA, João Ferreira de (trad.). **Bíblia Sagrada**. Almeida Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009 [1898].

ALMEIDA, João Ferreira de (trad.). **Bíblia Sagrada**. Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017 [1959].

CENTI, Tito Sante *et al.* (trads.). **Tommaso d’Aquino. La Somma Teologica**. Testo latino dell’Edizione Leonina, vols. 4. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2014.

COLGRAVE, Bertram (ed.). **Two Lives of Saint Cuthbert**. A life by an Anonymous Monk of Lindisfarne and Bede’s Prose Life. Cambridge: Cambridge University Press, 2007 [1940].

COLGRAVE, Bertram; MYNORS, R. A. B. (eds.). **Bede’s Ecclesiastical History of the English People**. Oxford: Clarendon Press, 1969.

83

DÍAZ y DÍAZ, Manuel C. (ed.). **Visiones del Más Allá en Galicia durante la Alta Edad Media**. Santiago de Compostela: Bibliófilos Gallegos, 1985.

EASTING, Robert (ed.). *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii*. In: **St. Patrick’s Purgatory**. Two versions of Owayne Miles and The Vision of William of Stranton together with the long text of the *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii*. Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 121-154.

ELLIOTT, J. K. (ed.). The Apocalypse of Paul (*Visio Pauli*). In: **The Apocryphal New Testament**. Oxford: Clarendon Press, 1993, p. 616-644.

EVANS, E. (ed.). *Enchiridion ad Laurentium de fide et spe et caritate*. In: **CCSL**, vol. 46. Turnhout: Brepols, 1969, p. 21-114.

FÁVARO, A. M.; NÁPOLI, T. A.; LIMA, R. da C. A Paixão de Santa Perpétua e Santa Felicidade (*Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis*): tradução anotada. **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, vol. 7, n. 2, p. 37-68, 2019.

próximos” (*Et angelus: Debes, inquit, ad corpus tuum redire et omnia, que uidisti, ad utilitatem proximorum memoriter retinere*, WAGNER, 1989, p. 55); “E sempre que ficavam a sós informalmente, [Owein] costumava contar com bastante zelo todas essas coisas a pedido do próprio Gilbert, para sua edificação” (*Et quando soli simul erant familiariter alicubi, ipsius Gileberti rogatu ob edificationem hec omnia diligentissime narrare consueuerat, Tractatus 1092-1094*). Dito isso, *vide* Greg-T. *Hist.* VII.1 e Greg-M. *Dial.* IV.32.5, onde a ênfase recairia mais sobre a mensagem do viajante do que sobre sua conversão. *Cf.* Carozzi (1994, p. 4-5) e Zaleski (1987, p. 75-79).

GODMAN, Peter (ed.). **Alcuin. The Bishops, Kings, and Saints of York.** Oxford: Clarendon Press, 1982.

GRYSON, Roger (ed.). *Bedae Presbyteri Expositio Apocalypseos.* In: *CCSL*, vol. 121A. Turnhout: Brepols, 2001.

GRYSON, Roger (ed.). *Biblia Sacra Vulgata.* 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007 [1969].

HEFFERNAN, Thomas J. (ed.). **The Passion of Perpetua and Felicity.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

HORSFALL, Nicholas (ed.). **Virgil. Aeneid 6. A commentary**, vol. 1. Berlin: De Gruyter, 2013.

KRUSCH, B.; LEVISON W. (eds.). *Gregorii Episcopi Turonensis Libri Historiarum X.* In: *MGH SS rer. Merov 1.1.* Hannoverae: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1951, p. 1-537.

KÜBEL, Wilhelmus [Wilhelm] (ed.). *De Resurrectione.* In: *Alberti Magni Opera omnia*, vol. 26. Münster: Aschendorff, 1958.

LATOUCHE, Robert (trad.). **Grégoire de Tours. Histoire des Francs**, vols. 2. Paris: Les Belles Lettres, 1963-1965.

LEVISON, W. (ed.). *Visio Baronti monachi Longoretensis.* In: *MGH SS rer. Merov.* 5. Hannoverae: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1910, p. 368-394.

LINDSAY, W. M. (ed.). *Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum siue Originum Libri XX.* Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1911.

MOOS, Maria Fabianus [Marie-Fabien] (ed.). *S. Thomae Aquinatis Scriptum super Sententiis magistri Petri Lombardi*, vol. 3. Parisiis: Sumptibus P. Lethielleux, 1933.

MOST, Glenn W. (ed.). *Theogony.* In: **Hesiod. Theogony, Works and Days, Testimonia.** Cambridge: Harvard University Press, 2006.

PLUMMER, Carolus [Charles] (ed.). *Venerabilis Baedae Opera Historica.* Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1896.

ROLLASON, David (ed.). **Symeon of Durham. Libellus de exordio atque procursu istius, hoc est Dunhelmensis, ecclesie. Tract on the origins and progress of this the Church of Durham.** Oxford: Clarendon Press, 2000.

SILVERSTEIN, Theodore. *Visio Sancti Pauli.* The History of the Apocalypse in

Latin together with nine texts. London: Christophers, 1935.

SILVERSTEIN, Theodore; HILHORST, Anthony (eds.). **Apocalypse of Paul. A New Critical Edition of Three Long Latin Versions.** Genève: Patrick Cramer Éditeur, 1997.

VOGÜÉ, Adalbert de (ed.). **Grégoire Le Grand. Dialogues.** Vols. 3. Paris: Les Éditions du Cerf, 1978-1980.

WAGNER, Albert (ed.). *Visio Tnugdali, lateinisch und altdeutsch.* New York: Olms, 1989.

WEST, Martin L. (ed.). **Homerus. Odyssea.** Berlin: De Gruyter, 2017.

WILKINS, David. *Literae prioris et capituli Cantuar. pro orationibus faciendis per prouinciam Cantuar. propter mortalitatem hominum.* In: **Concilia Magnae Britanniae et Hiberniae ab anno MCCLXVIII ad annum MCCCXLIX**, vol. 2. Londini: 1737.

2. Estudos modernos e obras de referência

AHERN, Eoghan. **Bede and the Cosmos. Theology and Nature in the Eighth Century.** New York: Routledge, 2020.

ARIÈS, Philippe. **L'homme devant la mort.** Paris: Seuil, 1977.

BECKER, Ernest J. **A Contribution to the Comparative Study of the Medieval Visions of Heaven and Hell, with Special Reference to the Middle-English Versions.** Baltimore: John Murphy Company, 1899.

BERNSTEIN, Alan. **The formation of Hell.** London: UCL Press, 1993.

BEYER de RYKE, Benoît. *La naissance du Purgatoire... vingt ans après.* **Villers**, n. 25, p. 13-29, 2003.

BLAIR, Peter Hunter. **The World of Bede.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BLAISE, Albert. **Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens.** Turnhout: Brepols, 1954.

BREMMER, Jan N. **The Rise and Fall of the Afterlife.** London: Routledge, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion. O Purgatório no mundo de Beda. **Signum**, n. 5, p. 47-71, 2003.

CAROZZI, Claude. Le géographie de l’Au-delà et sa signification pendant le Haut Moyen Âge. **Popoli e Paesi nella Cultura Altomedievale**, vol. 2. Spoleto: CISAM, 1983, p. 423-481.

CAROZZI, Claude. **Le voyage de l’âme dans l’Au-delà d’après la Littérature Latine (V^e – XIII^e siècle)**. Roma: École Française de Rome, 1994.

CAVAGNA, Mattia. La maladie dans les récits visionnaires médiévaux. **Médiévales**, n. 30, p. 36-45, 2004.

CAVAGNA, Mattia. *Visio Pauli*. Traductions médiévales. Cinq siècles de traductions en français au Moyen Âge (XI^e – XV^e siècles). **Étude et Répertoire**, vol. II.2. Turnhout: Brepols, p. 850-855, 2011.

CAVAGNA, Mattia. Ancora sulla mancata ricezione della *Divina Commedia* in Francia: il purgatorio alla fine del Medioevo secondo quattro fonti francesi. **Atti del IX Convegno SIFR**. Bologna: Aracne, p. 229-245, 2012.

CAVAGNA, Mattia. **La Vision de Tondale et ses versions françaises (XIII^e – XV^e siècles)**. Contribution à l’étude de la littérature visionnaire latine et française. Paris: Honoré Champion, 2017.

CICCARESE, Maria Pia. Le più antiche rappresentazioni del purgatorio, dalla *Passio Perpetuae* alla fine del IX sec. **Romanobarbarica**, n. 7, p. 33-76, 1982-1983.

86

CICCARESE, Maria Pia. **Visioni dell’Aldilà in Occidente**. Fonti, modelli, testi. Firenze: Nardini Editore, 1987.

DANIELOU, Jean. **Les anges et leur mission d’après les Pères de l’Église**. Chevetogne: Éditions de Chevetogne, 1953.

DELUMEAU, Jean. **Une histoire du Paradis. Le Jardin des délices**. Paris: Fayard, 1992.

DELUMEAU, Jean. **Une histoire du Paradis. Mille ans de bonheur**. Paris: Fayard, 1995.

DRUHAN, David Ross. **The Syntax of Bede’s *Historia Ecclesiastica***. Washington: Catholic University Press, 1938.

EDWARDS, Graham Norbert. Purgatory: “Birth” or Evolution? **Journal of Ecclesiastical History**, vol. 36, n. 4, p. 634-646, 1985.

FAURE, Philippe. **Les anges**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2004.

FORBES, Helen Foxhall. *Diuiduntur in quattuor*: The interim and judgement in

Anglo-Saxon England. **The Journal of Theological Studies**, vol. 61, n. 2, p. 659-684, 2010.

GOLDHILL, Simon (ed.). **The End of Dialogue in Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

GOUREVITCH, Aaron J. Au Moyen Age: conscience individuelle et image de l’Au-delà. Trad. Joanna Pomian. **Annales**, n. 2, p. 255-275, 1982.

_____. **Les categories de la culture médiévale**. Trad. Hélène Courtin & Nina Godneff. Paris: Gallimard, 1983.

_____. **La culture populaire au Moyen-Âge: *simplices et docti***. Trad. Elena Balzamo. Paris: Aubier, 1996.

LATHAM, Ronald E. **Revised Medieval Latin Word-List from British and Irish Sources**. New York: Oxford University Press, 2008 [1965].

LE GOFF, Jacques. **La naissance du Purgatoire**. Paris: Gallimard, 1981.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do Purgatório**. Trad. Maria Fernanda Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

87

MACHADO, José Pedro. **Dicionário onomástico da Língua Portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

MOREIRA, Isabel. **Heaven’s Purge**. Purgatory in Late Antiquity. Oxford: Oxford University Press, 2010.

PATCH, Howard Rollin. **The Other World**. According to descriptions in Medieval Literature. New York: Octagon Books, 1980.

PETERSEN, Joan Margaret. **The Dialogues of Gregory The Great in their Late Antique Cultural Background**. Toronto: PIMS, 1984.

SCAFI, Alessandro. **Mapping Paradise**. A history of Heaven on Earth. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

SCAFI, Alessandro. **Maps of Paradise**. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

THACKER, Alan. Bede and history. *In: The Cambridge Companion to Bede*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2010, p. 170-189.

TRUMBOWER, Jeffrey A. **Rescue for the Dead**. The Posthumous Salvation of Non-Christians in Early Christianity. New York: Oxford University Press, 2001.

ZALESKI, Carol. **Otherworld journeys**. Accounts of Near-Death Experience in Medieval and Modern Times. New York: Oxford University Press, 1987.

ZIERER, Adriana. Um monge irlandês e suas concepções de Inferno e Paraíso: A Visão de Túndalo. **Brathair**, vol. 19, n. 1, p. 52-75, 2019.

3. Fontes eletrônicas

“Discurso do Papa Bento XVI aos membros da comissão teológica internacional reunidos em sessão plenária (1 de Dezembro de 2005)”. Página eletrônica: www.vatican.va. Consulta realizada em 23 de agosto de 2021.

“La speranza della salvezza per i bambini che muoiono senza battesimo”. *Commissione Teologica Internazionale*. Página eletrônica: www.vatican.va. Consulta realizada em 23 de agosto de 2021.

Data de envio: 22/09/2021
Data de aprovação: 13/12/2021
Data de publicação: 27/12/2021